

FACULDADE PATOS DE MINAS
EDUCAÇÃO FÍSICA
NATIELLE BARCELOS SILVA

**MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM
PROBLEMA HISTÓRICO**

PATOS DE MINAS, 2009.

NATIELLE BARCELOS SILVA

**MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM
PROBLEMA HISTÓRICO**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física da Faculdade Patos de Minas como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura sob orientação do professor Miguel Júnior Sordi Bortolini.

PATOS DE MINAS, 2009.

SILVA, Natielle Barcelos.

Motivação nas aulas de Educação Física: Um problema histórico. /Trabalho de conclusão de curso. –Patos de Minas: Faculdade Patos de Minas, 2009.

Monografia – Curso de Educação Física
Orientador: Miguel Júnior Sordi Bortolini

1.Motivação 2.Professores 3.Alunos

NATIELLE BARCELOS SILVA

Motivação nas Aulas de Educação Física: Um Problema Histórico

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física da Faculdade Patos de Minas como requisito parcial á obtenção do título de licenciatura.

Comissão Examinadora

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Miguel Júnior Sordi Bortolini

Titulação-Instituição

Nome Completo

Titulação-Instituição

Nome Completo

Titulação-Instituição

CONCEITO FINAL: _____

Dedico este trabalho aos meus pais pela
confiança depositada em mim, incentivos e
palavras de apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade, por guiar e iluminar minha trajetória com pessoas tão especiais.

Agradeço aos meus pais Lázaro e Dalci, pela confiança em mim depositada, e por não medirem esforços para que meu sonho se tornasse realidade.

Agradeço aos meus irmãos William e Anderson pelo carinho, atenção, afeto e união partilhados a cada dia.

Agradeço ao meu namorado, que sempre me apoiou, me deu atenção, força e incentivo.

Agradeço Thucos(as) da educa, pelo companheirismo, pela força, incentivo e as palavras amigas. “A amizade é algo que não se reconstrói. Representa valor na vida de cada um”.

Agradeço a Luana pelo apoio.

Agradeço a todos os professores do curso de Educação Física, pela motivação e por seus ensinamentos que foram tão valiosos nessa jornada.

Agradeço ao meu orientador, pela atenção, orientação e apoio durante todo esse trabalho.

A todos que de alguma forma contribuíram, para que este sonho se tornasse realidade.

“A motivação vem da vontade de mudar muita coisa que está errada. Se eu não venho motivado para dar aula, não terei como motivar meus alunos”.

(Autor Desconhecido)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar e refletir acerca dos fatores motivacionais nas aulas de Educação Física. Assim, define-se o que é motivação, na visão de vários autores, bem como suas características e suas teorias. A seguir é abordado o papel do profissional de Educação Física na escola, enfocando o que ele faz e representa dentro da mesma, juntamente com as dificuldades que ele encontra na instituição e na sala de aula. Com isso faz-se uma relação do professor e a motivação, apresentando como o professor pode motivar os alunos, como devem ser suas aulas e o que ele pode modificar para que o seu relacionamento com os alunos seja o melhor possível. A pesquisa ainda baseia-se em diferenciar as aulas tradicionais das aulas diversificadas, apresentando a influência das mesmas, seus benefícios e malefícios.

Palavras-chave: Motivação – Professor – Aluno.

ABSTRACT

This work aims to analyze and reflect on the motivational factors in physical education classes. Thus, we define what motivation is, in the view of several authors, as well as their characteristics and their theories. The following examines the role of the professional Physical Education in school, focusing on what he does and represent in the same, together with the difficulties he encounters in the institution and in the classroom. Thus it is a relationship between teacher and motivation, showing how the teacher can motivate students, how should be their classes and what he can change to your relationship with the students be the best possible. The survey is based on differentiating the traditional class of diverse classes, with the influence of the same, their benefits and harmful.

Keywords: Motivation - Teacher - Student.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CAPÍTULO 1 - MOTIVAÇÃO	14
2.1 Definição	14
2.1.1. <i>Características</i>	15
2.2. <i>Teorias Motivacionais</i>	16
3 CAPÍTULO 2 - O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA	18
3.1 O Profissional na Escola.....	18
3.2 Dificuldades Encontradas nas Aulas	19
3.3. Professor X Motivação	21
4 CAPITULO 3 - RELAÇÃO PROFESSOR COM ALUNO	23
4.1 Aula Tradicional <i>versus</i> Aula Diversificada	24
4.2. A influência da Motivação nas Aulas.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

A motivação e os motivos vêm a muitos anos sendo estudados por diversos pesquisadores, que definem que o termo motivo tem um significado diferenciado da motivação (CHICATI, 2000).

A motivação pode ser responsável por inúmeras razões pelas quais o indivíduo decidirá realizar alguma atividade física ou não (MALAVASI, 2005). Malavasi (2005), diz que “uma pessoa motivada a realizar certa atividade poderá ter mudança na compreensão da aprendizagem e de seu desempenho nas habilidades motoras”.

Segundo Weinberg e Gould (2001), a motivação possui três visões típicas: (a) visão centrada no participante; (b) visão centrada na situação e (c) visão interacional entre indivíduo e situação.

Nem sempre o aluno é o ponto central no problema de motivação, pois os outros membros da escola também podem apresentar comportamentos que evidenciem a falta de motivação. Podendo tornar-se ainda mais prejudicial se o afetado partir do corpo docente, afinal é o professor o responsável pela aprendizagem (CHICATI, 2000).

A falta de motivação do professor afeta diretamente o aluno, pois é o docente a pessoa na escola que tem o maior contato com eles. Sendo assim, o discente tem grande responsabilidade para com a motivação deles. Com certeza uma aula ministrada sem motivação criará um clima desfavorável à aprendizagem pois o aluno já tem consigo um estigma em relação a ir à escola, e ao encontrar o professor desmotivado certamente causará ainda maior resistência em motivar-se para aprender (WITTER E LOMÔNACO, 1984).

O professor que se atém apenas ao esporte durante as suas aulas impede os alunos de conhecer outras possibilidades de movimento, em vista da padronização do esporte; no entanto, relata que não existe uma forma única para executar um movimento, devendo cada indivíduo procurar sua própria forma de execução (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2001).

Os professores devem repensar suas posturas e conscientizar os alunos, pois se essa situação perdurar, em breve não existirá mais motivo para a existência da Educação Física, visto que a ação pedagógica dos professores não vem suprindo as necessidades, quer do educando quer da própria disciplina (PEREIRA, 2005).

O aluno não deve aprender apenas “como fazer” mas, fundamentalmente “aprender a aprender”, podemos dizer que muito mais que transmitir conhecimentos e habilidades por

meio de objetivos limitados, um processo de formação deveria orientar os sujeitos no sentido de saber utilizá-los (MONTENEGRO, 2004).

Assim, observando a Educação Física, pretende-se com este estudo identificar os fatores que influenciam no que diz respeito a participação dos alunos nas aulas, bem como os conteúdos propostos e a postura dos professores quando à evasão dessas aulas.

O objetivo deste trabalho é analisar e refletir acerca dos fatores motivacionais nas aulas de Educação Física, bem como os erros cometidos pelos professores, o que levaria a um fracasso nas aulas, provocado pela falta de interesse dos alunos.

Além desses, o trabalho ainda busca investigar se o professor propõe conteúdos novos inovadores, criativos ou que acompanham o modismo imposto pela mídia; identificar quais os motivos são capazes de estimular a ação prática das aulas e a motivação nos alunos; quais os efeitos positivos e negativos da motivação e ainda abordar os benefícios de uma aula de Educação Física que motive os alunos.

Sendo a motivação um fator primordial para que os alunos participem ativamente das aulas de Educação Física. Torna-se importante orientar os profissionais nessa área para que preparem aulas inovadoras e diversificadas fazendo assim com que se interessem cada vez mais pelas atividades desenvolvidas, contando assim com a participação efetiva de todos os alunos.

Assim serão usadas referências bibliográficas retiradas de artigos científicos, levando-se em consideração o papel do professor nesse processo de motivação dos alunos. Ainda abordaremos quais os benefícios e quais os efeitos que essa motivação traz para o aluno, levantando opiniões e chegando a conclusões mais concretas para o enriquecimento deste trabalho. Sendo assim utilizaremos também a pesquisa explicativa e o método de procedimento monográfico para aprofundar o tema aqui proposto.

2 CAPÍTULO 1 - MOTIVAÇÃO

O termo motivação, bastante utilizado atualmente, refere-se a um grande efeito que exerce influência sobre as pessoas, principalmente quando este se refere à atividades físicas em geral, assim, na maioria das vezes, a motivação é um fator extremamente responsável pelas decisões de uma pessoa praticar ou não uma atividade física (MALAVASI, 2005).

Estudar motivação no esporte nos remete a buscar entender alguns porquês relacionados com a prática esportiva, no qual, seleção e preferência, intensidade e vigor, persistência e continuidade estarão sempre atrelados ao que poderíamos chamar de dimensões motivacionais (direção, intensidade e persistência) (ZANETTI, 2008).

2.1 Definição

De acordo com Cratty (1984), a motivação conceitua-se como um processo que leva uma pessoa a uma inércia ou uma ação em variadas situações. Este processo pode ainda ser um exame das razões pelas quais se escolhe fazer alguma coisa, e executar tarefas com um maior empenho do que outras.

Magil (1984) já se refere à motivação como uma causa de comportamento, definindo assim a motivação como uma força interior, um impulso ou uma intenção, a qual leva uma pessoa a agir ou a fazer algo de certa forma.

Segundo Atkinson (2002), a motivação dirige o comportamento para um determinado incentivo que produz prazer ou alivia um estado desagradável, completando essa ideia Murray (1973), retrata que o motivo se distingue de outros fatores como a experiência passada da pessoa, as suas capacidades físicas ou a situação ambiente onde se encontra, e que também pode contribuir na sua motivação.

Weinberg e Gould (2001) retratam as mais diversas definições, conceitos, diretrizes e teorias que abordam o tema motivação, definindo também a motivação como sendo a direção e a intensidade do esforço. A direção refere-se a um indivíduo buscar, aproximar ou ser atraído a certas situações. Enquanto a intensidade refere-se ao esforço que uma pessoa investe em uma determinada situação, descrevendo as três visões típicas da motivação: visão centrada no participante, visão centrada na situação e a visão interacional entre o indivíduo e situação.

Gouvêa (1997), afirma que em qualquer momento na relação ensino-aprendizagem, a motivação pode ser um elemento determinante para que se atinja um bom desempenho. Segundo ele, quanto maior for o nível de estimulação maior será a motivação e que sem a motivação não há comportamento humano ou animal, considerando-se ainda que qualquer relação interpessoal ou intrapessoal é motivada por algo. Ainda salienta que todo comportamento, seja ele qual for, independente do objetivo, é motivado por alguma e para alguma coisa, podendo-se afirmar que a motivação é o combustível de toda ação humana.

O autor acima citado, também ressalta que a motivação depende de um conjunto de fatores que englobam a personalidade, as experiências passadas, os incentivos do momento ou a situação. Como um todo, esses fatores deverão satisfazer os motivos e as necessidades momentâneas do indivíduo.

2.1.1. Características

A motivação é um termo que abrange qualquer comportamento dirigido para um objetivo ou estado interior, emocional que desperta o interesse ou a inclinação do indivíduo para algo, estando este disposto, a desprender-se dos esforços para alcançá-lo (MACHADO, 1997).

Desejo, necessidade, esforço, motivo, tendência, aspiração, meta, fome, amor, entre outros, são palavras que se referem à motivação. Com isso pode-se dividir os motivos e impulsos em necessidades fisiológicas (sede, fome, sexo, etc.) e necessidades aplicadas que são complexos de realização (amor, aprovação social, status, etc.) .

De acordo com Vanek e Craty (1990) relacionando os estudos das características motivacionais, colocam em evidência os efeitos relacionados com a motivação citando dois tipos de efeitos: efeitos negativos da motivação, onde se apresenta de forma não educativa, acarretando perturbações à personalidade do indivíduo, causadas por castigos ou ameaças, levando as pessoas a se tornarem violentas, covardes, tímidas ou inseguranças; e os efeitos positivos da motivação, que utilizam recursos que incentivam a potencialização do indivíduo, despertando-o para o crescimento através de elogios, palavras de apoio, demonstração de encorajamento, etc.

Além desses fatores um outro aspecto também em evidência quando o tema é a motivação refere-se as fontes. Alguns autores costumam subdividir as fontes motivacionais

em dois aspectos, sendo um associado a fonte intrínseca de motivação e outra a fonte extrínseca (MACEDO, 2006).

O prazer de atingir uma meta pelo simples fato de obtenção de êxito, sem recompensas externas, comportamento este dirigido pelo íntimo do indivíduo, é conhecido como motivação intrínseca, enquanto que a fonte de estimulação da motivação proveniente do exterior seria a extrínseca (MACEDO, 2006).

A motivação intrínseca é inerente ao objetivo de aprendizagem, à matéria a ser aprendida, ao movimento a ser executado, não dependendo de elementos externos para atuar na aprendizagem. Deriva-se da satisfação inerente à própria atividade de aprender (MACHADO, 1995).

A motivação extrínseca é dependente de múltiplos fatores de recompensa, onde o executar da tarefa não é o único objetivo, existem fatores externos que direcionam as ações dos indivíduos com grande influência, tais como: dinheiro, fama, sucesso, reconhecimento, etc (CRUZ, 1996).

2.2. Teorias Motivacionais

As diferentes teorias da motivação constituem-se em: 1) teorias de necessidades de realização, onde a visão interacional considera fatores pessoais e situacionais; 2) teoria de atribuição, que se focaliza em como as pessoas explicam seus fracassos e sucessos; 3) teoria das metas de realização que visa as metas de realização, percepção, de capacidade e comportamento frente a realização; e 4) teoria da motivação para competência que relaciona às percepções de controle dos atletas (MALAVASI, 2005).

A maioria das variáveis motivações são associadas a uma teoria comumente utilizada e uma técnica de intervenção, as quais são especificadas abaixo: (MALAVASI, 2005).

- Modelo da Crença em Saúde, a qual tem como variável interpessoal a susceptibilidade, severidade, benefícios e obstáculos percebidos, pistas para ação e auto-eficácia, sendo aplicadas no conhecimento de programas, Saúde educacional e risco aparente;
- Teoria do Comportamento Planejado, a qual tem como variável interpessoal a intenção comportamental, atitude em relação ao comportamento, controle percebido do comportamento e como variável social as normas subjetivas: percepção das verdades e

motivação de comprometer-se, sendo aplicadas nas atitudes em relação a mudança de comunicação;

- Modelo Transteorético, o qual tem como variável interpessoal estágios de mudança, processos de mudança, balanço de decisões e auto-eficácia, e variáveis sociais alguns processos de mudança, algumas variáveis de balanço de decisões, e além dessas as variáveis ambientais como alguns processos de mudança, sendo aplicadas nos estágios combinados de mudança comportamental cognitivo.

- Teorias Cognitivo Sociais, tendo como variáveis interpessoais expectativa com resultado, capacidade comportamental, auto-eficácia, além dessa, as variáveis sociais e ambientais, como: aprendizagem observacional, reforço, aplicadas em modificações cognitivas comportamental.

As teorias motivacionais destacam que um indivíduo pode ter, como fonte de suas ações, razões internas (intrínsecos) ou externas (extrínsecos), como especificadas acima (CRATTY, 1984).

Adultos e crianças são motivadas a praticar esportes por razões similares. Embora os aspectos sobre saúde, são mais importantes para os adultos, e o desenvolvimento de habilidades e competências são mais relevantes para as crianças (GILL, 2000). Assim Butt (1995) dividiu os níveis de motivação em 4 tipos: motivação biológica, motivação psicológica, motivação social e motivação secundária.

Com isso, no próximo capítulo, será feita uma abordagem do professor na escola, juntamente com suas dificuldades e sua relação com a motivação.

3 CAPÍTULO 2 - O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O papel do profissional de educação física na sociedade é inestimável. O cidadão brasileiro tem direito garantido pela constituição de ter acesso à atividade física na forma de exercício físico e esporte. No entanto, é absolutamente essencial e de interesse da sociedade que essas atividades na forma de exercício ou esporte, sejam ministradas e supervisionadas por profissionais de educação física devidamente inscritos em seus respectivos conselhos regionais (CÉSAR JÚNIOR, 2009).

Segundo (MARTINS JÚNIOR, 2000), o professor de Educação Física é definido segundo como um elemento incentivador, orientador e controlador das atividades formativas e informativas dos alunos. Esse mesmo autor mais tarde sugeriu que os professores de Educação Física fossem classificados como técnico, especializado ou instrutor como veremos a seguir:

- **Professor Técnico** – seria aquele mais dirigido ao produto final da aprendizagem do que ao processo de ensino. A sua preocupação principal seria a de utilizar as aulas de Educação Física para a formação de novos atletas para as equipes escolares, dos clubes ou do município. Inscreve-se (ou não) em cursos de formação de técnicos esportivos para completar a sua formação no esporte que escolheu;

- **Professor Especializado** – se inseriria no processo de educação do aluno, participaria nas ações escolares e buscaria se atualizar, participando em cursos de aperfeiçoamento e de especialização em técnicas de ensino;

- **Professor Instrutor** – não se interessaria nem pelo treino esportivo nem pelo processo educacional do aluno, limitando-se a utilizar no seu ensino, os conhecimentos adquiridos na sua formação ou na sua vida esportiva anterior.

Com isso, o profissional de Educação Física deve procurar se manter equilibrado entre essas três definições, pois assim terá além da atenção dos alunos, uma contribuição maior da direção da escola, tornando o ensino mais atrativo e prazeroso.

3.1 O Profissional na Escola

A Educação Física inserida na escola é definida por Betti (2005) como uma disciplina que tem por finalidade “introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de

movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, da dança, e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida.

Segundo Mialaret (1981, p. 56) o professor de Educação Física na escola pode se comportar muitas vezes como:

- **Mestre** ou transmissor de conhecimento;
- **Treinador**, ao transmitir um mínimo de conhecimentos, mas levando o aluno a se exercitar nesses conteúdos;
- **Guia**, ao ministrar um mínimo de conhecimentos, mas sugerir também métodos para aumentar esses conhecimentos;
- **Supervisor**, quando propõe trabalhos, e supervisiona a sua realização;
- **Centro de documentação**, ao deixar o aluno trabalhar à vontade, fornecendo-lhe subsídios quando é solicitado;

O professor de Educação Física deve buscar esclarecer as pessoas dentro e fora da escola sobre a grande importância dessa disciplina no contexto escolar, a fim de desmitificar essa visão equivocada de que a Educação Física não tem papel no contexto pedagógico.

Para Kring (1975, p. 23), a tarefa de motivação do escolar nunca deve ser subestimada. Não se deve nunca ter medo de elogiar os alunos e na transmissão de um conteúdo de ensino, o segredo do sucesso do professor é o emprego de 85% de inspiração e 15% de técnica.

O contexto da educação física, e as características específicas do grupo de alunos deve ser levada em consideração no planejamento da escola. Não se pode confundir aula de Educação Física com treinamento, pois os próprios estudos mostram que sendo a finalidade diferente, o público também o é e sua motivação conseqüentemente se difere.

3.2 Dificuldades Encontradas nas Aulas

O professor de Educação Física acaba enfrentando muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, principalmente em escolas públicas. Dificuldades que muitas vezes acabam desmotivando esse profissional.

Sendo estas dificuldades caracterizadas por aspectos desmotivantes à prática da atividade física, como: falta de materiais estrutura física inadequada, número excessivo de alunos, falta de vontade dos alunos e às vezes até do próprio professor, menosprezo a disciplina, e o não conhecimento da importância da Educação Física no desenvolvimento geral dos alunos.

De acordo com Giarola (1998), as escolas vêm enfrentando muitos problemas, como a falta de materiais e de instalações para a prática das aulas, o que torna ainda mais importante o trabalho do professor na busca de alternativas para motivar suas aulas, e com falta de materiais e instalações específicas, ocorre a grande evasão de alunos nas aulas de Educação Física.

Muitas das dificuldades se concentram nas questões sociais dos alunos, como excesso de faltas, indisciplina e conseqüentemente falta de respeito entre os alunos; roupas inadequadas; desinteresse dos alunos e turmas muito numerosas. Essas questões confirmam que as condições de trabalho são elementos que aparecem com frequência quando se fala em problemas que os professores enfrentam na prática pedagógica.

Segundo Bracht (2004, p. 39), a existência de materiais, equipamentos e instalações adequadas é importante e necessária para as aulas de Educação Física, sua ausência ou insuficiência podem comprometer o alcance do trabalho pedagógico.

Assim, essas dificuldades interferem no trabalho diário do professor; dificulta as aulas, pois todas as aulas precisam-se de material; interfere, pois o professor ao invés de administrar aulas passa maior parte do tempo educando alunos; limita o trabalho, porque se planeja uma aula com um número x de alunos e no momento da prática, nem todos participam; não tem como aplicar os fundamentos dos esportes e atividades físicas sem os materiais; sem infra-estrutura e falta de material não há como desenvolver um trabalho criativo e prazeroso para os alunos.

Além de interferir no trabalho do professor, elas ainda interferem no aprendizado dos alunos, pois sem atividade prática e falta de material fica difícil o aluno aprender alguma prática esportiva; a indisciplina gera déficit de aprendizado; enquanto os alunos disciplinados sofrem prejuízo, uma vez que por conta da indisciplina, os conteúdos ficam defasados; resistência do aluno de querer adquirir hábitos de boa convivência e interfere no desenvolvimento físico dos alunos que chegam na adolescência com muitos problemas motores.

Podemos então ver, que o professor deve ser entendido como um sujeito que possui conhecimentos, estrutura e orienta a sua prática repleta de significados na cotidianidade da escola, ou seja, subjetivamente ele é o ator na ação dos saberes escolares.

Assim para que as aulas sejam sempre interessantes e motivadas, Mattos & Neira (2000, p. 41) cita que todas as aulas deveriam ser divididas em duas partes: parte teórica e parte prática. A parte teórica tem como objetivo proporcionar ao aluno o conhecimento dos principais conceitos do tema que está sendo desenvolvido, além disso, explicar a importância e o porquê trabalhar tal tema nas aulas. Já na parte prática, o aluno poderá vivenciar os conceitos estudados na teoria. Através da supervisão do professor, realizará movimentos corretos que possibilitarão a aprendizagem do tema estudado, tanto os conceitos quanto os movimentos.

3.3. Professor X Motivação

A motivação influencia a seleção e aderência a atividade, o esforço e a qualidade da performance em qualquer situação. Contudo a rotina de tarefas, não esclarecimento das tarefas e problemas de comunicação interpessoal, podem levar a ausência ou má conclusão da atividade.

Em uma pesquisa, Neves (1982, p. 45) demonstrou que o melhor professor é aquele que revela competência, sensibilidade, interesse, amizade, amor, comunicabilidade, maturidade e outros itens menos destacados, entretanto o pior professor, aquele que demonstra incompetência, agressividade, inacessibilidade, prepotência, desinteresse e imaturidade.

Assim sendo, das principais influências que o professor exerce sobre os alunos, a necessidade de que o aluno tem de amor, amizade e compreensão, são as que mais se destacam, enquanto que a agressividade e a prepotência, são relacionadas como frustrações para o aluno.

Com isso, para ser um motivador o professor de Educação Física deveria possuir uma formação que conduzisse a alguma das seguintes competências, segundo Meinberg (1988, p. 3),

- **Transmissor** – as suas funções não se devem restringir ao ensino de técnicas grosseiras dos esportes mais conhecidos, mas ensinar a aprender que, após o período escolar, o aluno saiba organizar o seu esporte;

- **Educador** – o professor deveria não só transmitir, mas também ser um protetor, advogado e procurador da criança e, para tal, a sua personalidade deveria estar adequada ao seu ensino, sobressaindo-se pela alegria, justiça, amor ao trabalho e aos alunos;

- **Avaliador** – ao ter de atribuir uma classificação ao aluno, o professor assume-se como um juiz do rendimento das outras pessoas; função que lhe ocupa mais tempo e lhe traz mais problemas;

- **Orientador** – o professor deve assumir um papel de conselheiro, tanto do esporte como da própria carreira escolar e profissional do aluno;

- **Inovador** – discutir, refletir e modificar o que já existe. Não deve permanecer sempre na mesma rotina, mas estar atento às transformações da sociedade. Se a sociedade mudou, se o aluno mudou, também o professor deve mudar.

Além disso, para motivar os alunos, os professores deveriam procurar alguns reforços como as recompensas e satisfações que se conciliam com a própria atividade, como medalhas, troféus, brindes e até mesmo dinheiro.

Pois quando a recompensa é utilizada para auxiliar o aluno a encarar a realidade da vida, a conquistar alguma coisa, a organizar e a integrar valores, é um instrumento positivo.

4 CAPITULO 3 - RELAÇÃO PROFESSOR COM ALUNO

Nem sempre o aluno é o ponto central no problema de motivação, pois os outros membros da escola também podem apresentar comportamentos que evidenciem a falta de motivação. Podendo tornar-se ainda mais prejudicial se o afetado partir do corpo docente, afinal é o professor o responsável pela aprendizagem.

Para Witter e Lomônaco (1984), a falta de motivação do professor afeta diretamente o aluno, pois é o docente a pessoa na escola que tem o maior contato com eles. Sendo assim, o docente tem grande responsabilidade para com a motivação deles. Com certeza uma aula ministrada sem motivação criará um clima desfavorável à aprendizagem pois o aluno já tem consigo um estigma em relação a ir à escola, e ao encontrar o professor desmotivado certamente causará ainda maior resistência em motivar-se para aprender.

Muitos profissionais de Educação Física deixam ser motivadores pois com o passar do tempo, param de investir na qualidade do seu ensino. Isso ocorre quando deixam de praticar esportes, nunca fazem qualquer curso para se atualizarem, não lêem revistas especializadas nem jornais. Com essas ocorrências eles levam o aluno, ao perceberem o desinteresse de seus exemplos, seus professores, também a se desmotivar pelas aulas de Educação Física (DEICKERT, 1984).

Portanto, o professor deve estar consciente da busca por conteúdos diversificados e motivantes, para que se consiga atender os interesses contidos nas turmas, fazendo com que essa falta de previsão que a motivação manifesta, não venha lhe causar dúvidas no que diz respeito a motivação de seus alunos (CHICATI, 2000).

A escola também deve estar atenta pois se o aluno está freqüentando as aulas por motivo de algum efeito externo que o obrigue a estudar, poderá com o tempo não ter um bom aproveitamento ou até mesmo deixar a escola. Sendo assim, deve-se procurar motivar o aluno sempre, para que ele se sinta cada vez mais interessado em aprender.

Falcão (1989) coloca que para se conseguir atingir essa motivação interna do aluno, a escola deve buscar o desenvolvimento da atividade mental, no próprio aluno, pois o que somente vem acontecendo atualmente é a transformação do estudo num meio de obter notas, elogios e presentes.

Assim para que o professor motive seus alunos, dentro ou fora da escola, dependerá não só dos seus conhecimentos sobre os processos de motivação, da sua capacidade de aplicá-

los nas aulas de Educação Física, como também que possua interesse por essas atividades e que demonstre e justifique esse interesse perante os seus alunos.

4.1 Aula Tradicional *versus* Aula Diversificada

Com certeza as aulas de Educação Física dependem de vários fatores que as diferenciam de acordo com os professores, materiais, conteúdos, entre outros que podem ser especificados abaixo: (FOLLE, 2005).

A Aula Tradicional tem por objetivo caráter orientador dos objetivos sobre os demais componentes do processo. Caracterizam-se somente a partir dos resultados esperados como mudanças observáveis na conduta e sua definição de forma operativa para avaliar a aprendizagem e realizar uma corrida de resistência durante 6 a 7 minutos de trabalho contínuo.

Ela possui atenção preferencial aos aspectos motores e fisiológicos. Trata-se de ativar o corpo de forma gradual para evitar lesões e facilitar a execução. Tendo tarefas fechadas com um modelo técnico.

Os seus métodos de ensino são reprodutivos (ênfase na execução, na eficácia dos movimentos) e seu estilo de ensino é por comando direto, designação de tarefas, entre outros. A relação do professor-aluno é de autoridade imposta, extremamente disciplinar.

Predomina-se o uso de meios produzidos industrialmente, sobretudo em função do esporte. O meio é importante para a repetição e o desenvolvimento de habilidades e capacidades. Avaliação: como qualificação que outorga o professor.

Com isso, espera-se como resultado eficácia da aprendizagem e eficácia motora.

Entretanto, a aula diversificada tem como objetivo não se converter num eixo orientador de toda a sequência de ensino, ainda que seja uma peça-chave. Concretiza-se a partir da significação das aprendizagens e seu valor formativo (valor intrínseco).

Ela possui ênfase motivacional, atenção globalizada a todos os aspectos do comportamento. Prestar-se-á atenção a aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais. Trata-se de tarefas abertas significativas. Modelo integrado a partir de contextos do jogo (tática).

Os seus métodos de ensino são produtivos (ênfase na compreensão e na tomada de decisões) e seu estilo de ensino é a exploração dirigida, ensino recíproco, entre outros. A

relação do professor-aluno é sujeito-sujeito num marco de comunicação dialógica. Disciplina consciente.

Uso alternativo de meios produzidos pelos próprios professores e alunos, a partir de materiais de resíduos naturais e meios industriais. O meio se converte num elemento motivacional e de aprendizagens múltiplas.

A avaliação é formativa integral: heteroavaliação, autoavaliação, avaliação recíproca. Diagnóstica, formativa e subjetiva.

Assim, López e González (2002) afirma, que para o processo educativo e motivacional, seria mais significativa a utilização de um modelo de aula diversificada que vise a uma formação integral dos educandos, a qual se diferencia da tendência mais regular do nosso ensino, que visa à aprendizagem técnica e de modelos de movimentos, tendo como base o ensino centrado no professor e supondo uma aquisição desses movimentos por parte dos alunos.

4.2. A influência da Motivação nas Aulas

Ao analisar as características do jogo constata-se que possibilita a satisfação de necessidades na esfera interna e externa do indivíduo, ao contemplar aspectos pessoais e sociais que configuram os motivos que impulsionam os seres humanos, porque o jogo estimula a movimentação, a percepção, a interação social, pensamento e comunicação e revelam a cultura corporal, favorecem, ainda, a auto-estima e a interiorização do comportamento do grupo social (BRASIL, MEC, 1998).

Segundo Kishimoto (2001), aponta os jogos como formas de comunicação que permitem partilhar significados e conceber regras para desenvolver e educar crianças, pois se podem compartilhar valores, significados, ideias, emoções, aprender a tomar decisões, cooperar, socializar e utilizar a motricidade, exaltando o alcance dos motivos sociais de aceitação/afeição, reconhecimento/ aprovação social.

Nas aulas motivacionais a cobrança por rendimento e performance entre os alunos diminui bastante, aumentando com isso a aceitação das diferenças entre os indivíduos dos grupos, estimulando uma maior participação, reduzindo, assim, possíveis situações de exclusão ou marginalização.

Num ambiente baseado nas teorias motivacionais os alunos se sentem mais seguros e satisfeitos com suas experiências nas aulas, pois se destacam o esforço e o aperfeiçoamento pessoal, os quais são fatores sobre os quais eles podem ter controle.

Além disso, segundo Chaves (2002), o nível de satisfação dos participantes nas aulas também aumenta consideravelmente, pois os alunos não se preocupam com o seu desenvolvimento atlético, mas com sua forma individual de participar, traduzindo-se na auto-expressão. Com isso também, o número de faltas não justificadas nas aulas torna-se mínimo, o que expressa a intenção e o interesse dos alunos em participar efetivamente das atividades propostas nas aulas motivacionais e não apenas participam pela obrigatoriedade legal.

A avaliação feita com critérios pautados nas aulas motivacionais, proporcionam aos alunos que, nas aulas tradicionais, julgam-se incapazes ou com rendimentos técnicos inferiores aos demais, a possibilidade de obterem boas notas, baseadas no empenho, esforço e potencial de cada um. Este estímulo incentiva-se positivamente na autoconfiança e na auto-estima dos mesmos.

Chaves (2002), conclui assim que as atividades desenvolvidas a partir de brincadeiras e jogos que fazem parte do conhecimento dos alunos, reduzem a tensão, a ansiedade e o medo em relação às novas atividades e esportes a serem realizados, tornando assim as aulas de Educação Física bem mais agradáveis e satisfatórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física pede, dia-a-dia, além da orientação e da motivação dos alunos, para a prática de atividades físicas e esportivas, a condição de uma disciplina destinada à conscientização do aluno para uma prática regular e continuada.

Com este presente estudo foi possível encontrar vários pontos de vista sobre estes motivos que levam a falta de motivação. Dentre os principais pode-se destacar:

A ausência da oferta de atividades diversificadas faz com que a Educação Física Escolar se resuma nuns poucos esportes e outras escassas atividades.

A maioria dos alunos não tem sido motivada rumo a uma prática esportiva extraclasse, devido à falta de interesse do professor demonstrado ao ministrar as aulas muito mais como obrigação do que por prazer.

Os alunos possuem um interesse pelas aulas de Educação Física abaixo do regular, alegando que essa desmotivação estaria na própria aula, que carece de materiais e de bons locais a sua prática.

Com o exposto acima, pode-se sugerir que: (1) os professores devem, com urgência, repensar suas posturas e conscientizar os alunos, pois se essa situação perdurar, em breve não existirá mais motivo para a existência da Educação Física. (2) suas aulas devem levar à criação de um ambiente favorável à prática de quaisquer atividades físicas e/ou esportivas. (3) Sendo a motivação um fator primordial para que os alunos participem ativamente das aulas de Educação Física, torna-se importante orientar os profissionais nessa área para que preparem aulas inovadoras e diversificadas.

Enfim, sendo a motivação essencial para quaisquer tipos de relações, em especial nas aulas de educação física, pode-se apontar que a principal causa da falta de êxito das aulas é a perda da mesma, que pode ter ocorrido por um ou mais motivos. Desta forma, o presente trabalho aponta a motivação como o fator determinante nas aulas de educação física e uma vez que se tenha perdido ela é importante refletir qual(is) o(s) problema(s) que desencadeou este processo, devendo-se corrigi-lo para a retomada da motivação e por conseqüência realizando com competência o trabalho do Educador Físico.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, R.; SMITH, E.; BEM, D. **Introdução à psicologia de Hilgard**. 13ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. Caderno CEDES, ano XIX, nº 48, p. 69-89, agosto 2003.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Seção I.

BUTT, D. C. **Short scales for the measurement of sport motivation**. International Journal of Sport Psychology. n. 4, 1995.

CÉSAR JÚNIOR, Paulo Augusto M. **O papel do Profissional de Educação Física em nossa sociedade**. Disponível em: http://www.educacaofisica.com.br/coluna_mostrar.asp?id=379. Acesso em: 20/ 09/ 2009.

CHAVES, W. M. **O clima motivacional nas aulas de Educação Física: uma abordagem sócio-cognitivista**. In: VI Encontro Fluminense de Educação Física Escolar (EnFEPE). Anais... Niterói: UFF, 2002.

CHICATI, Karen Cristina. **Motivação nas Aulas de Educação Física no Ensino Médio**. Revista da Educação Física/ UEM. Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.

CRATTY, B. J. **Psicologia do esporte**. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil Ltda. 2ª ed., 1984.

DEICKERT, Jürgen et al. **Esportes de lazer: tarefa e chance para todos**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

FALCÃO, Gérson Marinho. **Psicologia da aprendizagem**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1989.

FOLLE, Alexandra; et. al. **Modelos de Ensino, Nível de Satisfação e Fatores Motivacionais Presentes nas Aulas de Educação Física**. Revista da Educação Física/ UEM. Maringá, v. 16, n. 2, 2005.

GIAROLA, Kellie Cristina Marques M. **Influência da escolha dos conteúdos na motivação das aulas de Educação Física em alunos da 3ª série do ensino médio**, 1998. Monografia (Especialização) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1998.

GOUVÊA, F. C. **Motivação e o esporte**: uma análise inicial. In: BURITI, M. de A. (org.) *Psicologia no Esporte – Coleção Psicotemas*. Campinas: Editora Alínea, 1997.

HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Ralf. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986. (Coleção Educação Física: série fundamentação, 10).

KISHIMOTO. **Jogos e motivação nas aulas**. 2001. Disponível em: <<http://www3.fe.usp.br/efisica/trabs/1.doc>> Acesso em: 20/ 09/ 2009.

KRING, Ray. **Atletismo nas escolas**. 2 ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1975.

LÓPEZ, A.; GONZÁLEZ, V. **La calidad de la clase de educación física: una guía de observación cualitativa para su evaluación**. FEDEPORTES.com, Buenos Aires, ano 8, n. 48, maio 2002a. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/revistadigital>>. Acesso em: 10/ 04/ 2003.

MACEDO, Prof. Msd. Ricardo; et al. **Persuasão e motivação**: interveniências na atividade física e no esporte. *Revista Digital*: Buenos Aires, Ano 11, nº 103, 2006.

MACHADO, A. **A Psicologia do Esporte: temas emergentes**. I. Jundiaí: Ápice, 1997.

MAGIL, Richard A. **A aprendizagem motora**: conceitos e aplicações. São Paulo: E. Blücher, 1989.

MALAVASI, Letícia de Matos; et. al. **Motivação**: uma breve revisão de conceitos e aplicações. *Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 10, nº 89, Outubro de 2005.

MARTINS JÚNIOR, Joaquim. **O professor de Educação Física e a Educação Física Escolar**: Como motivar o aluno? *Revista de Educação/ UEM*. Magariningá, v.11, nº 1, 2000.

MATTOS, M.G. & NEIRA, M.G. **Educação Física na adolescência**: construindo o conhecimento na escola. 1 ed. São Paulo: Phorte Editora, 2000.

MEINBERG, Eckhardt. **Formação de professores – mudanças**. Porto: Universidade do Porto, 1988. Mimiografado.

MIALARET, Gaston. **A formação dos professores**. Coimbra: Almedina, 1981.

MONTENEGRO, E.; MONTENEGRO, P. A. Ética e docência na educação física. In: TOJAL, J. B.; COSTA, L. P.; BERESFORD, H. (Org.) **Ética profissional na educação física**. Rio de Janeiro: Shape: CONFEEF, 2004.

MURRAY, E. J. **Motivação e Emoção**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

NEVES, Siloé P. Pesquisa aplicada à teoria de A. H. Maslow. In: _____. **Tendências contemporâneas em psicologia da motivação**. São Paulo: Cortêz, 1982.

PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evando Carlos. **A participação dos alunos do Ensino Médio em aulas de Educação Física**: algumas considerações. R. da Educação Física/UEM. Maringá, v. 16, n. 2, 2005.

VANEK, M.; CRATTY, B. J. **Psychologie sportive et Compétition**. Paris: Editions Universitaires, 1990.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2001.

WITTER, Geraldina Porto; LOMÔNACO, José F. Bittencourt. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1984.

ZANETTI, Marcelo Callegari; et. al. **Motivação no esporte infanto juvenil**. Revista Conexões, Campinas, v. 6, n. especial, 2008.